

---

## AUTENTICIDADE E LINGUAGEM EM CHARLES TAYLOR

Rogério Foschiera

### **Resumo:**

Em Charles Taylor, o problema da linguagem é abordado na perspectiva do ser humano como animal portador de logos. Nisso merecerá destaque a questão do expressivismo e sua decorrência para a autenticidade. Eventos puros irão se contrapor a eventos de significado e essa distinção permitirá que Taylor situe as principais teorias sobre a origem da linguagem e suas decorrências para a vida humana. A partir de Herder, Taylor mostra que para os humanos o pensamento não é obra imediata da natureza, mas, exatamente por isso, pode ser obra deles mesmos. Não sendo já um mecanismo infalível nas mãos da natureza, o homem torna-se meta e finalidade da sua própria elaboração. A linguagem, em Taylor, é entendida como ação, expressão, forma de vida. Não como um simples instrumento de designação ou útil coleção de sinais representativos e, sim, como espiritualidade encarnada, materialização daquele logos que, desaparecido do cosmos, reaparece na subjetividade humana pela autenticidade.

**Palavras-chave:** linguagem, Taylor, autenticidade, expressivismo, Herder.

### **Abstract:**

*For Charles Taylor, the language problem is approached from the perspective of the human being as an animal who carries logos. The issue of expressivism deserves to be highlighted as well as its result for authenticity. Pure events will counteract meaning events and this distinction will allow Taylor presents the main theories about the origin of language and its consequences for human life. Based on Herder, Taylor shows that thought is not immediate results of nature for humans, but exactly for this reason, thought may result from the human himself. Considering that man is not an infallible mechanism in nature's hands, he becomes goal and purpose of its own development. For Taylor, the language is action, speech, and a way of life. It is not a simple designation instrument or useful collection of representative signals but it is as an embodied spirituality, materialization of the logos that disappeared from the cosmos, reappears in the human subjectivity for authenticity.*

**Keywords:** language, Taylor, authenticity, expressivism, Herder.

## **Apresentação**

Este trabalho colocará em evidência o problema da linguagem, não para um exame exaustivo da questão em si, mas para situar nele a autenticidade tayloriana. Uma breve visão histórica colocará a questão básica que é a perspectiva expressivista, nascida no Romantismo e da qual Charles Taylor busca fazer um resgate, pois considera essencial a influência desse enfoque para compreender o momento histórico atual, a demanda por autenticidade e sua relevância.

Vou pôr em evidência a compreensão de Taylor sobre a natureza da linguagem e o destaque que ele dá à definição de ser humano como “animal portador de *logos*”. Considerarei os aspectos centrais do pensamento de Herder sobre a linguagem, referência indiscutível de Taylor, passando brevemente por alguns outros pensadores como Heidegger, também importantes para nosso autor. E, por fim, quero situar o significado e as decorrências da perspectiva expressivista.

Taylor remete a dois tipos de eventos, os que pressupõem e os que não pressupõem um pano de fundo de significado que estabeleça condições de validade. Aos primeiros chama “eventos puros e simples”; aos segundos “eventos de significado”. As primeiras teorias da linguagem entendiam pensar um pensamento e introduzir uma palavra como eventos puros e simples. Havia uma ideia na mente, um som por perto, e o pensador individual simplesmente estabelecia um vínculo entre os dois. Essas teorias ignoravam por inteiro a existência de eventos de significado, imaginando que podiam lidar com tudo enquanto evento puro e simples. Ora, é precisamente esse erro que subjaz ao atomismo moderno e a seu rebento, o individualismo metodológico.

Herder mostra que as forças de representação do homem, não se confinam à construção de um favo ou de uma teia e ficando, portanto, aquém da habilidade inata dos animais dessas esferas, obtém por isso mesmo um horizonte mais vasto. O homem não tem uma tarefa única em face da qual a sua ação tenha que permanecer inaperfeiçoável; mas dispõe de espaço livre para se ocupar de muitas coisas e, por isso, para se aperfeiçoar sempre. Nele, os pensamentos não são obras imediatas da natureza, mas, exatamente por isso, podem ser obra dele mesmo. Não sendo já um mecanismo infalível nas mãos da natureza, o homem torna-se meta e finalidade da sua própria elaboração. A diferença não é

de grau nem se resume a um suplemento das forças, antes reside num direcionamento e desdobramento totalmente diferente de todas as forças. Quer se seja idealista ou materialista, leibnitzeano ou lockiano.

## **1 Natureza e relevância da linguagem**

Um tema com que Taylor afirma se ter ocupado ao longo dos anos diz respeito “à natureza da linguagem”. Encontra-se essa observação no início de sua obra *Argumentos filosóficos*. Lembra que a tradição ocidental sempre tendeu a definir o ser humano como animal de linguagem, mas que a partir da Renascença assumiu dois novos sentidos: a) a preocupação do século XVII, visível em Locke, com a linguagem como “instrumento primordial da construção de nosso quadro do mundo, a preocupação com seu uso adequado e, de forma bastante ansiosa, com seu potencial de abuso”; (TAYLOR, 2000, p. 09). b) e a compreensão expressivista da linguagem e da arte no período romântico que critica a concepção lockiana e cuja figura-chave é Herder.

Há uma estreita vinculação entre a questão epistemológica e a da linguagem. Taylor diz:

O lugar da linguagem para Hobbes, Locke e Condillac estava circunscrito por sua teoria do conhecimento. A linguagem era o instrumento crucial do conhecimento. E foi justamente essa instrumentalidade da linguagem que a geração romântica criticou. (TAYLOR, 2000, p. 09).

Para Taylor, os proponentes e formuladores da teoria romântica, por outro lado, figuram entre os críticos da tradição epistemológica, da revisão da Crítica da Razão Pura de Kant feita por Hamann, de Heidegger, do segundo Wittgenstein e de alguns pós-modernistas.

A teoria romântica acentua a natureza constitutiva da linguagem, como aquilo que permite ter o mundo que se tem e há uma combinação de criação e descoberta que não é fácil definir. Taylor diz interessar-se pelas duas tradições, mas afirma: “sou em larga medida proponente da concepção ‘romântica’”. (TAYLOR, 2000, p. 10).

Taylor, como a maioria das pessoas hoje, se esforça por encontrar uma linguagem para mediar e compreender a diferença cultural. Hoje é necessário falar em “modernidades

alternativas”, maneiras distintas de viver as estruturas políticas e econômicas que a época contemporânea torna obrigatórias. Por isso diz:

A teoria instrumental da linguagem fez que a intertradução de linguagens diferentes se afigurasse relativamente fácil. E por trás desse efeito homogenizador da teoria lockiana da linguagem encontra-se a teoria cartesiana do conhecimento, culturalmente autônoma. A visão convergente da modernidade recorre a algumas das mesmas fontes filosóficas a fim de apresentar um quadro da diferença cultural como algo de modo algum intratável, e que de todo modo se estreita com a marcha do tempo. (TAYLOR, 2000, p. 12).

Em termos educativos, é importante dizer que a teoria instrumental da linguagem cumpre um papel muito importante hoje por sua capacidade em descrever eventos objetivos e objetos de natureza científica ou tecnológica. Contudo, se percebe cada vez mais a importância da teoria expressivista para compreender o fenômeno humano, social e cultural. Com ela é possível a universalização do humano como humano e não como material ou objetivo. Ou defender as diferenças culturais e a igualdade entre os humanos e as culturas a partir da originalidade de cada qual. A linguagem é, por isso, original e autêntica enquanto expressão do original e autêntico que existe em cada ser humano e em cada cultura. A linguagem expressa o diferente e o sempre novo e, por isso, autêntico e não alguma suposta instância abstrata, absoluta ou objetiva. Educar com autenticidade é dar voz ao humano e cultural por aquilo que são e se constituem enquanto se manifestam. Instrumentalizar a linguagem é instrumentalizar o humano e o cultural. Contudo, a autenticidade requer que o humano e o cultural sejam o ponto de partida, que sejam tratados como fim e nunca como meio.

Em seu texto *Language and human nature*, Charles Taylor destaca a centralidade do interesse pela linguagem no século XX. Estruturalistas, transformistas e formalistas fizeram a lingüística crescer de forma explosiva. Jakobson e Chomsky são conhecidos muito além da própria disciplina. Saussure e os formalistas, Lévi-Strauss e os estruturalistas, Barthes e a moda, Lacan e o funcionamento do inconsciente, o positivismo lógico e sua “análise lingüística”, a filosofia de Heidegger dão, para Taylor, um panorama do desenvolvimento da linguagem nesse período e uma clara vinculação dessa com a preocupação com a significação. E afirma:

They have taught us to ask the question, What is meaning?, in a broader context than simply that of language. They induce us to see language as one segment of the range of meaningful media that men can deploy. And this range comes to seem all the more problematic. (TAYLOR, 1985a, p. 216).<sup>1</sup>

Isso culmina, para Taylor (1985a), na psicanálise onde a interpretação passa a ocupar papel central não só para o discurso, como também para os objetos artísticos, os lapsos, os sintomas, os gostos. Por isso “interpretação” e “hermenêutica” se tornam fundamentais para a história e para as ciências sociais. O homem passa a ser essencialmente um animal de linguagem e a significação se torna enigmática.

Para Taylor (1985a) não resta dúvida que as coisas e mesmo os eventos simbólicos sempre requerem pensamentos e que esses ocorrem nas mentes individuais, contudo os pensamentos sempre requerem um pano de fundo de significados. Um item lingüístico só tem o significado que tem contra o pano de fundo de uma linguagem inteira. O uso de dado termo, separado desse pano de fundo, é impensável.

Taylor (2000) remete a dois tipos de eventos, os que pressupõem e os que não pressupõem um pano de fundo de significado que estabeleça condições de validade. Aos primeiros chama “eventos puros e simples”; aos segundos “eventos de significado”. As primeiras teorias da linguagem entendiam pensar um pensamento e introduzir uma palavra como eventos puros e simples. Havia uma idéia na mente, um som por perto, e o pensador individual simplesmente estabelecia um vínculo entre os dois. Essas teorias ignoravam por inteiro a existência de eventos de significado, imaginando que podiam lidar com tudo enquanto evento puro e simples. Ora, é precisamente esse erro que subjaz ao atomismo moderno e a seu rebento, o individualismo metodológico.

Nosso autor diz que quando se lida com eventos de significado não se pode simplesmente tomar por foco o evento que ocorre; é preciso levar em conta o pano de fundo que lhe confere seu significado. Esse pano de fundo, no entanto, não é um evento, nem pode localizar em indivíduos. Trata-se de uma linguagem, e localizá-lo não é tarefa simples. É até impossível localizá-lo porque uma linguagem é criada e mantida nos intercâmbios contínuos que ocorrem em certa comunidade lingüística.

---

<sup>1</sup> Eles nos ensinaram a colocar a pergunta: o que é a significação?, em um contexto mais amplo que simplesmente o da linguagem. Induziam-nos a ver a linguagem como uma parte do conjunto de meios significativos que os homens podem desdobrar. E esta gama vem a parecer toda mais problemática (tradução própria).

Segundo Taylor (2000), essa é a base da distinção saussuriana entre *langue e parole*. A linguagem alegou Saussure, só pode ser compreendida se fizermos essa distinção. Existe um código (*langue*), código a que se recorre em cada ato de fala particular (*parole*). Estes mantêm entre si uma relação circular característica. Os atos de *parole* pressupõem, todos eles, a existência da *langue*, mas esta é constantemente recriada neles. O círculo saussuriano aplica-se também a outras questões sociais como papéis, cargos, status. “Só posso cumprir papéis como o de pai ou professor porque há condições de validade definidas no conjunto de práticas e instituições que moldam a vida de minha sociedade”. (TAYLOR, 2000, p. 150). Mas a maneira como eu e outros representamos esses papéis, ou fracassamos em fazê-lo, pode produzir mudanças nessas condições.

## 2 O ser humano como “animal que possui logos”

Taylor (2000) recorda que tradicionalmente o ser humano é visto como um animal racional, mas em Aristóteles a fórmula é *zôon logon echon*, que, traduzida diretamente do grego significa “animal que possui logos”, sendo que *logos* significa “palavra”, “pensamento”, “raciocínio”, “argumentação relatada”, uma perspectiva que relaciona discurso e pensamento.

E quanto à significação, ou seja, de como palavras ou outros meios *dizem algo*, Taylor destaca duas dimensões: a primeira é a designativa, quando o meio faz referência a um objeto, ou seja, o significado de um signo é a coisa à qual ele se refere ou designa. A segunda dimensão é a expressiva, que expressa minha idéia, minha percepção, minha convicção e que pode ser compartilhada com os outros. Expressar é colocar à vista os sentimentos. Ou seja:

Expression makes something manifest in embodying it. Of course, a given expression may reveal what it conveys in a partial, or enigmatic, or fragmentary fashion. But these are all manifestations in the above sense, that however imperfect we cannot contrast them with another, more direct, but non-expressive mode of presentation. What expression manifests can only be manifested in expression. (TAYLOR, 1985a, p. 219).<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> “A expressão manifesta uma coisa ao encarná-la. Certamente, uma expressão determinada pode revelar o que transmite de uma maneira parcial, enigmática ou fragmentária. Mas se tratam de manifestações no sentido antes mencionado: mesmo que imperfeitas, não podemos contrastá-las com outro modo de

Segundo Taylor as duas dimensões se aplicam a contextos diferentes e respondem a perguntas diferentes. Quando se fala: “o livro está sobre a mesa” se tende a explicar o significado da frase em termos designativos. Quando se pensa em um poema ou uma sinfonia se considera seu significado em termos expressivos. A dimensão designativa faz da significação algo simples e objetivo e nisso está o behaviorismo. Já a dimensão expressiva mantém algo de mistério na linguagem. “The meaning of an expression cannot be explained by its being related to something else, but only by another expression.” (TAYLOR, 1985a, p. 221).<sup>3</sup>

Enquanto a perspectiva designativa, no dizer de Taylor, se alia ao pensamento científico moderno que pretende ser objetivo e descrever o universo sem relacioná-lo com propriedades do sujeito; a expressiva funciona como totalidade e não pode evitar as propriedades subjetivas, pois: “Expression is the power of subject; and expression manifest things, and hence essentially refer us to subjects for whom these things can be manifest.” (TAYLOR, 1985a, p. 221).<sup>4</sup>

Educar na autenticidade é dar a devida valorização à dimensão designativa da linguagem para poder compreender os fenômenos científicos e objetivos. Mas, principalmente hoje, é preciso dar a essa dimensão um limite claro. Ou seja, é preciso desenvolver para com ela uma postura crítica capaz de delimitar seu alcance. E isso possibilita valorizar adequadamente a dimensão expressiva da linguagem. Educam-se sujeitos e esses são “animais que possuem *logos*” que se constituem na expressão. Educar é dar voz ao sujeito pessoal e cultural.

Por uma incursão histórica ou diacrônica, Taylor (1985a) recorda que a preocupação com a linguagem é tipicamente moderna. Na antiguidade o pensamento se equiparava ao discurso. *Logos*, palavra, provinha de *logein*, dizer. Segundo Taylor, “Plato says that you do not really know something unless you can give an account of it. Otherwise you have just opinion (*doxa*) and not real knowledge (*epistêmê*). But ‘give an account’ translates *logon*

---

apresentação mais direta, porém menos expressiva. O que a expressão manifesta, só pode se manifestar em expressão.” (tradução própria).

<sup>3</sup> “O significado de uma expressão não pode ser explicado por sua relação com outra coisa, mas unicamente mediante outra expressão”. (tradução própria).

<sup>4</sup> “a expressão é a faculdade de um sujeito; as expressões manifestam coisas e, por isso, remetem em essência a sujeitos para os quais essas coisas podem ser manifestas”. (tradução própria).

didonai.” (TAYLOR, 1985a, p. 222).<sup>5</sup> Para ele (Platão, no *Timeu*) a realidade última são as Idéias, das quais as coisas empíricas são cópias. A essa perspectiva Taylor denomina *logos ôntico*, onde as palavras eram mera envoltura externa do pensamento.

Na Idade Média, segundo Taylor, com o cristianismo e nele Santo Agostinho, “just as our thought is clothed externally in our words, so is the thought of God, the Logos – the Verbum, for Augustine – deployed externally in the creation. This is, as it were, God’s speech.” (TAYLOR, 1985a, p. 223).<sup>6</sup> Esta concepção carece da dimensão designativa, pois toda a criação manifesta o *logos* de Deus ao encarná-lo e por isso é expressiva. The originator of meaning, God, is an expressivista. (TAYLOR, 1985a, p. 223).<sup>7</sup> Depois de Agostinho até o início da Renascença, predominaram, segundo Taylor, as “semiological ontologies, which pictured the world as a meaningful order, or a text.” (TAYLOR, 1985a, p. 223).<sup>8</sup> Todas as coisas estão conectadas porque encarnam as mesmas idéias e por isso se tem uma teoria expressiva, uma teoria da linguagem de Deus e as palavras humanas têm um papel secundário. Este é o modelo do pensamento-discurso do real (*discourse-thought model of the real*), que será combatido pelo nominalismo medieval, pois negará a existência de universais ou de essências reais das coisas, que são considerados um efeito da linguagem. Com o nominalismo a linguagem passa a ocupar um lugar central e, ao mesmo tempo, se prepara o advento da teoria designativa da significação.

Conforme Taylor, a revolução científica do século XVII (Descartes, Bacon e Hobbes) rejeitou a visão do mundo como uma ordem significativa e passou a vê-lo como um processo objetivo e para isso se valeu da dimensão designativa da linguagem. Once discourse has lost its ontic status, it is not so much the discursive dimension in thought which seems to account for this, but rather its representative dimension. (TAYLOR, 1985a, p. 224).<sup>9</sup> Trata-se do cartesiano “caminho das idéias” que foi seguido por racionalistas e

---

<sup>5</sup> “Platão disse que somente conhecemos realmente uma coisa quando podemos descrevê-la. No contrário, teremos uma mera opinião (doxa) e não um conhecimento real (episteme). Porém, “descrever” é a tradução de *logon didonai*”. (tradução própria).

<sup>6</sup> “assim como nosso pensamento está externamente envolto em palavras, assim é o pensamento de Deus, o Logos – o Verbum, para Agostinho -, se desdobrou exteriormente na criação. Ao criar o mundo, Deus deu encarnação a suas idéias”. (tradução própria).

<sup>7</sup> “O originador da significação, Deus, é um expressivista”. (tradução própria).

<sup>8</sup> “ontologias semiológicas, que imaginavam o mundo como uma ordem significativa ou um texto”. (tradução própria).

<sup>9</sup> “Uma vez que o discurso perde seu estatus ôntico, o que parece explicá-lo não é tanto a dimensão discursiva do pensamento e sim, muito mais, sua dimensão representativa”. (tradução própria).



empiristas. Taylor exemplifica com uma citação dos autores da *Logique de Port-Royal*: nous ne pouvons avoir aucune connoissance de ce qui est hors de nous que par l'entremise des idées qui sont en nous. (ARNAULD; NICOLE, *Apud* TAYLOR, 1985a, p. 225).<sup>10</sup> Com isso o pensamento ou as idéias mesmas passam a ocupar lugar central de interesse. Predomina o método resolutivo compositivo, presente em Galileu, Descartes e Hobbes: We break things in our ideas down into their component elements, and then we put them together in idea as they are in reality. (TAYLOR, 1985a, p. 225).<sup>11</sup> Por isso pensar é reunir idéias claras e distintas, ou seja, pensar é um discurso mental.

E qual o papel da linguagem? Segundo Taylor a linguagem serve, nessa época, para ordenar em grupos e classes, ou, citando Condillac, a linguagem nos dá domínio sobre nossa imaginação. E afirma:

Language for the theory of these centuries is an instrument of control in the assemblage of ideas which is thought or mental discourse. It is an instrument of control in gaining knowledge of the world as objective process. And so it must itself be perfectly transparent; it cannot itself be the locus of mystery, that is, of anything which might be irreducible to objectivity. The meaning of words can only consist in the ideas (or things) they designate. (TAYLOR, 1985a, p. 226).<sup>12</sup>

Segundo Taylor, no final do século XVIII, com o Romantismo, a teoria designativa começou a ser questionada. Dentre outros estão Goethe e Herder, que num sentido geral podem ser chamados de românticos e estão associados ao *Sturm und Drang*. Herder, em seu *Ensaio sobre a origem da linguagem* (1987), examina o relato de Condillac (*Essai sur l'origine des connoissances humaines*, 1973) sobre a origem da linguagem. Nas palavras de Taylor:

It is a fable of two children in the desert, who come to invent language. We assume certain cries and gestures as natural expressions of feeling. Condillac argues that each, seeing the other, say, cry out in distress, would come to see the cry as a sign of something (e.g., what causes distress), and

---

<sup>10</sup> “somente podemos ter algum conhecimento do que está fora de nós por intermédio das ideias que estão em nós”. (tradução própria).

<sup>11</sup> “decompomos as coisas em nossas ideias até chegar a seus elementos constitutivos, e então nós as compomos enquanto idéias como elas são na realidade”. (tradução própria).

<sup>12</sup> Para a teoria desses séculos, a linguagem era um instrumento de controle na montagem de idéias que é o pensamento ou o discurso mental. Era um instrumento de controle para alcançar um conhecimento do mundo como processo objetivo. E, portanto deveria ser perfeitamente transparente; não podia ser a sede de um mistério, ou seja, de algo irreduzível à objetividade. Os significados das palavras só podiam consistir nas idéias (ou coisas) que designavam (tradução própria).

would come to use it to refer. The children would thus have their first word. Their lexicon would then increase slowly, item by item. (TAYLOR, 1985a, p. 227).<sup>13</sup>

A visão instrumental é uma teoria delimitativa, segundo Taylor (2000). A linguagem pode ser vista como surgindo nesse âmbito e cumprindo certa função dentro dele, mas o âmbito em si precede a linguagem e pode ser caracterizado independentemente dela. Já na teoria constitutiva, a linguagem possibilita novos propósitos, novos níveis de comportamento, novos significados e a vida humana não podem ser concebidos sem linguagem.

Para o autor:

De forma resumida, a teoria Hobbes-Locke-Condillac (HLC) procura compreender a linguagem no âmbito da moderna epistemologia representacional tornada dominante por Descartes. No espírito há “idéias”. Essas idéias são parcelas de representação putativa da realidade, boa parte dela “externa”. O conhecimento consiste em ter uma representação correspondente de fato à realidade. [...] A linguagem desempenha um importante papel nessa construção. As palavras recebem significado ao serem vinculadas às coisas representadas pelas idéias representadas. (TAYLOR, 2000, p. 117).

### 3 Herder: consciência reflexiva e expressão

O próprio Herder em sua obra *Ensaio sobre a origem da linguagem* destaca que enquanto animal o homem possui linguagem, pois todas as impressões do corpo e as paixões da alma exprimem-se imediatamente em sonoridades. Isso, ainda que se encontrasse abandonado numa ilha deserta, sem a presença, sem um vestígio sequer, sem qualquer esperança de vir a encontrar um semelhante capaz de lhe prestar auxílio. É como se respirasse mais aliviado depois de deixar escapar o sopro angustiado que lhe queimava o peito; como se exalasse uma parte da dor e, ao encher os ventos surdos com o seu lamento, fosse pelo menos recolher ao ar vazio, novas forças para levar de vencida o sofrimento.

No dizer de Herder, essa é a marca materna da mão formadora da natureza. É como se a natureza dissesse: Sentirás não apenas para ti mesmo; antes farás soar o teu sentir! E

---

<sup>13</sup> Trata-se de uma fábula de duas crianças no deserto, que conseguem inventar a linguagem. Suponhamos que certos gritos e gestos sejam expressões naturais das sensações. Condillac sustenta que cada uma das crianças, ao ver o outro, digamos, gritam de aflição, chegariam a ver o grito como sinal de algo (por exemplo, o motivo da aflição) e o utilizará para referir-se a ele. As crianças criaram, desse modo, teriam sua primeira palavra. Então, seu vocabulário se incrementaria, elemento por elemento. (tradução própria).

ainda: Farás soar o teu sentir em unísono como teu gênero; e serás acompanhado no teu sentir por todos como se de um só se tratasse! Suspiros e sonoridades que são linguagem, uma linguagem que é lei natural imediata. Ou seja:

Não se pode concluir por uma origem divina, mas, exatamente ao invés, pela origem animal [...]. Para nós são as vogais que constituem o que há de primordial, de mais vivo, o eixo da língua. Por que razão não as escreviam os Hebreus? Porque era impossível escrevê-las. A sua pronúncia era tão viva e tão sutilmente organizada, o sopro tão espiritual e etéreo, que se evaporava sem se deixar aprisionar em letras [...], para os orientais a fala era, por assim dizer, toda ela espírito, sopro contínuo, alma da boca [...]. Tratava-se dum sopro divino, de uma brisa flutuante que se vinha apoderar do ouvido; as letras sem vida que o procuravam representar era um mero cadáver que era preciso animar com o espírito vivo da leitura. (HERDER, 1978, p. 33-34).

Herder (1778) continua seu argumento lembrando que a magia do orador ou do poeta é transformar o ouvinte de novo em crianças. Sem qualquer consideração consciente, sem ponderação. E o fundamento de tudo isto se reduz a uma lei natural: uma sonoridade da impressão deve deslocar a simpatia de outra criatura para a mesma sonoridade! Supondo então que se chama linguagem a esses sons imediatos da impressão, parece que a origem da linguagem é extremamente natural. Esta origem não só não é sobre-humana, como se revela abertamente animal: a lei natural de um mecanismo sensível.

Conforme Herder, para Condillac as palavras surgiram porque já havia palavras antes de haver palavras. Rousseau discorda dizendo que, apesar de tudo, a linguagem deve ter sido inventada por meios humanos. Maupertius também não separou suficientemente a origem da linguagem desses sons animais, trilhando, portanto, o mesmo caminho dos outros autores precedentes. Destacam-se ainda Diodoro e Vitrúvio. Todos defensores da origem humana da linguagem, em oposição a Sümilch, mas todos discutem a partir de uma base insegura. Afirma Herder:

Condillac e Rousseau tinham que se enganar sobre a origem da linguagem já que se enganaram abertamente e em vários aspectos sobre essa diferença (a diferença entre os animais e os homens): o primeiro transformou os animais em homens e o segundo os homens em animais. (HERDER, 1978, p. 42).

Observa Herder que o homem está muito aquém dos animais quanto à força e à segurança do instinto; nada possui das capacidades ou aptidões inatas de que falamos a propósito de tantas espécies animais. Quanto mais agudos são os sentidos dos animais, quanto mais fortes e seguras as aptidões instintivas, quanto mais espantosos os seus produtos, menor é o respectivo círculo e mais específico esse produto. Inversamente,

quanto mais forem as atividades e mais complexa for a definição dum animal, quanto mais dispersa por diferentes objetos estiver a sua atenção, quanto mais variado for o seu modo de vida, numa palavra, quanto maior e mais diversificada for a esfera dum animal, mais se observará a repartição e o enfraquecimento da sua organização sensorial. Ou seja:

[...] as forças da alma humana dispersam-se pelo mundo todo. Não há aqui direcionamento das representações para uma coisa única; conseqüentemente não há aptidões nem capacidades instintivas e não há - fator que mais nos importa - linguagem animal. [...] Que linguagem há no homem que seja instintiva como a que possui cada espécie animal, segundo a respectiva esfera e dentro dela? A resposta é breve: nenhuma! E, no entanto, esta breve resposta é decisiva. (HERDER, 1978, p. 44-46).

Herder mostra que as forças de representação do homem, não se confinam à construção de um favo ou de uma teia e ficando, portanto, aquém da habilidade inata dos animais dessas esferas, obtém por isso mesmo um horizonte mais vasto. O homem não tem uma tarefa única em face da qual a sua ação tenha que permanecer inaperfeiçoável; mas dispõe de espaço livre para se ocupar de muitas coisas e, por isso, para se aperfeiçoar sempre. Nele, os pensamentos não são obras imediatas da natureza, mas, exatamente por isso, podem ser obra dele mesmo. Não sendo já um mecanismo infalível nas mãos da natureza, o homem torna-se meta e finalidade da sua própria elaboração. A diferença não é de grau nem se resume a um suplemento das forças, antes reside num direcionamento e desdobramento totalmente diferente de todas as forças. Quer se seja idealista ou materialista, leibnitzeano ou lockiano. E o autor provoca com a seguinte questão:

Coloque-se o homem - mas o homem sendo o ser que de fato é, com o grau de sensibilidade e de organização que de fato tem - no universo: de todos os lados, por intermédio de todos os sentidos, o universo flui para ele nas impressões. Por intermédio de sentidos humanos? De um modo humano? Então, comparando com os animais, será que este ser pensante é menos afetado? Tem espaço para exprimir mais livremente a sua força e esta relação chama-se racionalidade; onde está nisto a tal mera capacidade? E onde a força racional isolada? É a força positiva, única, da alma que atua segundo o princípio definido: mais sensibilidade, logo menos razão; mais racionalidade, logo menos vivacidade das impressões; maior luminosidade, logo menos obscuridade. Tudo isto parece óbvio! Mas, o estado mais sensível do homem era já um estado humano e, portanto, nele agia já a reflexão, apenas num grau menos notável; do mesmo modo que, nos animais, o menos sensível dos estados é ainda um estado animal e, portanto, por maior clareza que haja nos seus pensamentos, nunca está em ação a reflexão própria dum conceito humano. O resto é brincadeira de palavras! (HERDER, 1978, p. 54).

Herder(1978) diz que se a outros pareceu incompreensível o modo pelo qual a alma humana pôde chegar a inventar a linguagem, para ele parece incompreensível que a alma humana tivesse podido chegar a ser aquilo que é sem, e isto ainda independentemente de

haver boca e sociedade. Se ao homem não é possível possuir razão sem linguagem, então é claro que a invenção da linguagem é tão natural no homem, tão antiga, tão originária, tão específica, como o uso da razão.

Por um lado a linguagem parece de tal modo sobre-humana que é preciso ser Deus a inventá-la; por outro, parece de tal forma não-humana que qualquer animal que se desse a esse trabalho a podia inventar! Para Herder, a verdade reside num único ponto! Mas, uma vez colocados sobre esse ponto, podemos ver tudo à nossa volta: os motivos pelos quais nenhum animal pode inventar a linguagem, nenhum deus a deve inventar e o homem, enquanto homem, a pode e deve inventar. Ou seja: “a linguagem constitui o verdadeiro caráter distintivo exterior da nossa espécie, tal como a razão constitui o interior”. (HERDER, 1978, p. 70-71).

Segundo Isaiah Berlin, Herder é um dos líderes românticos que se revolta contra o classicismo, o racionalismo e a fé na onipotência do método científico. Berlin afirma:

Herder sustentava que qualquer atividade, situação, período ou civilização histórica possuía um caráter único próprio; de modo que a tentativa de reduzir esses fenômenos a combinações de elementos uniformes e descrevê-los e analisá-los segundo regras universais tendia a obliterar precisamente aquelas diferenças cruciais que constituíam a qualidade específica do objeto em estudo, seja na natureza, seja na história. Às noções de leis universais, princípios absolutos, verdades finais, modelos e padrões eternos na ética ou na estética, na física ou na matemática, ele opunha uma distinção radical entre o método apropriado ao estudo da natureza física e o requerido pelo espírito do homem sempre em mudança e desenvolvimento. (BERLIN, 2002, p. 379-380).

Berlin situa Herder na contracorrente do pensamento principal do seu tempo e destaca sua originalidade no *expressivismo* como “a doutrina de que a atividade humana em geral e a arte, em particular, expressam toda a personalidade do indivíduo ou do grupo, sendo apenas inteligíveis na medida em que o fazem.” (BERLIN, 2002, p.386). A auto-expressão é considerada essencial para o ser humano e acontece de forma mais rica e harmoniosa na auto-realização. Por isso Berlin percebe que Herder busca a unidade de pensamento e sentimento, de teoria e prática, de público e privado e:

Odeia profundamente as forças que contribuem para a uniformidade, para a assimilação, na vida ou nos livros dos historiadores, de uma cultura ou modo de vida a outro. [...] Condena a construção de paredes entre um gênero e outro, mas busca o maior número possível de distinções de espécies dentro de um gênero, e de indivíduos dentro da espécie. [...] Herder evitava a tentativa de reduzir o fluxo heterogêneo da experiência a unidades homogêneas, de rotulá-las e ajustá-las a estruturas teóricas para ser capaz de predizê-las e controlá-las. (BERLIN, 2002, p. 387).

Quanto á doutrina da expressão de Herder, Berlin diz que a linguagem, mais do que ser um veículo, é a própria expressão de tradições e lembranças comuns que unem os grupos humanos, ou seja, “toda a rede de crenças e comportamentos que liga os homens uns aos outros só pode ser explicada em função de um simbolismo comum e público, em particular pela linguagem”. (BERLIN, 2002, p. 398-399). Diz Berlin:

A doutrina da linguagem de Hamann – a de que apenas a linguagem era o órgão central de toda a compreensão e ação intencional, de que a atividade fundamental dos homens era falar a outros (aos homens, a Deus ou a si mesmos) e de que apenas pela linguagem era possível compreender os indivíduos ou grupos e os significados que eles encarnavam na poesia, no ritual ou na rede de instituições e modos de vida humanos -, essa grande revelação tornou-se uma questão de fé para Herder. (BERLIN, 2002, p. 400).

Mas, apesar disso, segundo Berlin, Herder não se deixou influenciar pelo misticismo de Hamann e, mesmo que em alguns momentos se tenha posicionado como clérigo luterano e defendido que a linguagem fora implantada no homem por Deus, sempre “voltou abertamente à crença de que a linguagem era uma parte essencial do processo natural do desenvolvimento da consciência, até da solidariedade humana, que se baseia na comunicação entre os homens”. (BERLIN, 2002, p. 401).

Existe em Herder, segundo Berlin, uma identificação entre pensamento e linguagem, assim como é inconcebível o homem sem sociedade. A linguagem é sempre expressão da experiência de um grupo. “A única identificação que Herder jamais abandona é a que existe entre pensamento e ação, linguagem e atividade.” (BERLIN, 2002, p. 404). Daí seu encanto por tudo o que é autêntico e natural. E conclui Berlin:

O que é geralmente enfatizado, em primeiro lugar, é seu relativismo, sua admiração por toda cultura autêntica pelo fato de ser o que é, sua insistência em que perspectivas e civilizações devem ser compreendidas a partir de dentro, com base em seus próprios estágios de desenvolvimento, propósitos e pontos de vista; e, em segundo lugar, seu repúdio agudo daquele veio central no racionalismo cartesiano que vê apenas o que é universal, eterno, inalterável, governado por relações rigorosamente lógicas – apenas o objeto da matemática, lógica, física e das outras ciências naturais – como conhecimento verdadeiro. (BERLIN, 2002, p. 407).

Para Taylor, Herder se rebela contra a concepção designativa da linguagem porque ela pressupõe o que se quer explicar, considera a relação de significação como algo natural, como se as palavras estivessem presentes antes de aparecerem. Pois, para Taylor, qualquer pessoa pode aprender o significado de uma palavra, uma vez que tenha linguagem, “but what is this capacity which we have and animals do not to endow sounds with meaning, to

grasp them as referring to, as used to talk about things? (TAYLOR, 1985a, p. 228).<sup>14</sup> Um rato, sendo treinado, reconhece em certo sentido um triângulo, mas somente um usuário da linguagem humana pode saber que se trata de um triângulo e reconhece que “triângulo” é a palavra adequada ou não para ser usada. Ou seja:

So only beings who can describe things as triangles can be said to recognize them as triangles, at least in the strong sense. They do not just react to triangles, but recognize them as such. Beings who can do this are conscious of the things they experience in a fuller way. They are more reflectively aware, we might say. (TAYLOR, 1985a, p. 228).<sup>15</sup>

Segundo Taylor, o papel seminal de Herder na criação da cultura pós-romântica foi ignorado, talvez por ser ele um pensador não tão rigoroso. Contudo, para ser profundamente inovador não é necessário ser rigoroso. Eles podem inspirar mentes mais rigorosamente filosóficas como se percebe na relação de Herder com Hegel. Taylor (2000) acredita que Herder é a figura revolucionária que cria um modo fundamentalmente diferente de pensar sobre a linguagem e o significado. Isso principalmente por sua rejeição à teoria da origem da linguagem de Condillac, invocando a reflexão como essencial à linguagem.

A antiga perspectiva, segundo Taylor (2000), pode ser definida em termos de abordagem “designativa”, onde as palavras adquirem sentido ao serem usadas para designar objetos. Esse pensamento é revitalizado no século XVII com as teorias de Hobbes e de Locke. No século XVIII cresce o interesse por explicar o surgimento da linguagem. Condillac, na seqüela de Locke, fala dos “signos naturais” e dos “signos instituídos”. Os instituídos surgem naturalmente e de forma imitativa dos naturais. Herder ataca Condillac dizendo que o relato pressupõe aquilo que explica, pois sua explicação equivale a dizer que as palavras surgiram porque já existiam. O problema é que Condillac dota a criança desde o começo com a capacidade da linguagem.

---

<sup>14</sup> “mas o que é essa capacidade que nós temos e os animais não, de dotar de sentido os sons, apreendê-los como uma referência a algo e utilizá-los para falar das coisas?” (tradução própria).

<sup>15</sup> Somente se pode dizer, então, que um ser reconhece um triângulo, ao menos no sentido forte, quando é capaz de descrever certas coisas como triângulos. Não somente reagirem diante dos triângulos, mas reconhecem-nos como tais. Os seres capazes de fazer isso estão conscientes do que experimentam de uma maneira mais plena. Poderíamos dizer que são mais reflexivamente conscientes (tradução própria).

Neste sentido, a lição que Taylor defende se deva deduzir daquela que, de modo um tanto curioso, ele mesmo chama a teoria dos três H (agás) (isto é), Hamann, Herder e Humboldt:

[Devemos] chegar a ver a linguagem como um modelo de atividade com a qual expressamos/realizamos certo modo de estarmos no mundo, aquele que define a dimensão lingüística: mas o modelo pode ser implementado só sobre um fundo que nunca podemos dominar plenamente. Mas é um fundo pelo qual nunca somos totalmente dominados, enquanto o remodelamos continuamente. Remodelá-lo sem dominá-lo, ou sem transcendê-lo significa que nunca sabemos totalmente o que estamos fazendo. Em relação à linguagem, nós somos tanto sujeitos ativos, quanto passivos. (TAYLOR, 2000, p. 97).

### **Considerações finais**

A linguagem, em Taylor, é entendida como ação, expressão, forma de vida, então é algo bem diverso de um simples instrumento de designação, útil coleção de contra-sinais representativos. Antes, como espiritualidade encarnada, materialização daquele logos que, desaparecido do cosmos, reaparece nas vestes de correlato essencial da subjetividade humana. Sem dúvida, o problema do equilíbrio entre atividade e passividade de cada indivíduo, isto é, na medida em que estes agem ou são manipulados pela linguagem (mas também, portanto, por uma cultura, uma tradição, uma comunidade) é um problema decisivo para a reflexão de Taylor. Em definitivo, trata-se do problema de como pode ser pensado e tematizado (e criticado) o que constitui o horizonte de sentido dos indivíduos e que papéis estes desempenham ao darem forma a um sentido do existente que já não se apresenta mais como algo que simplesmente é, mas como algo que se *faz*.

Para Taylor, a articulação do sentido não é monopólio de cada indivíduo. Segundo ele, existem, de fato, saber, significado, pensamento também nas instituições, nas práticas sociais. Existiria, pois, algo como um espírito objetivo e uma articulação progressiva do saber dos indivíduos, que vai de formas de “saber” sociais não tematizadas, ao conhecimento *stricto sensu* reflexivo, passando por modalidades intermediárias, “simbólicas”, de elaboração do sentido.



## Referências

- BERLIN, Isaiah. O ouriço e a raposa. In.: BERLIN, Isaiah. **Estudos sobre a humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 717p.
- HERDER, Johann Gottfried. **Ensaio sobre a origem da linguagem**. Lisboa: Edições Antígona, 1987. 185p.
- TAYLOR, Charles. **HEGEL**. Cambridge, EUA: Cambridge University Press, 1975. 580p.
- \_\_\_\_\_. **Human agency and language: Philosophical papers I**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985a. 294p.
- \_\_\_\_\_. **Philosophy and the human sciences: Philosophical papers II**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985b. 340p.
- \_\_\_\_\_. **La ética de la autenticidad**. Barcelona: Paidós, 1994. 146p.
- \_\_\_\_\_. **As fontes do self**. A construção da identidade moderna. São Paulo: Loyola, 1997. 670p.
- \_\_\_\_\_. **Argumentos Filosóficos**. São Paulo: Loyola, 2000. 311p.